

GERAÇÕES Z E ALFA: OS NOVOS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

INDALÉCIO, Anderson Bençal¹

RIBEIRO, Maria da Graça Martins²

RESUMO

As novas gerações de educandos que atualmente adentram as unidades escolares compõem um novo cenário educativo que desafia o contexto de uma abordagem tradicional de ensino. Na tentativa de superar os desafios postos, educadores devem buscar subsídios para repensar sua prática educativa a fim de atender as demandas formativas da contemporaneidade. Apropriar-se de conhecimentos acerca das circunstâncias que influenciam o comportamento dos educandos torna-se um item quase que obrigatório na formação dos educadores. Assim, este artigo busca contribuir na reflexão do assunto, elucidando algumas questões relevantes no que se refere ao comportamento dos integrantes das novas gerações e sua relação com a tecnologia.

Palavras-chave: Educação. Aluno. Tecnologia. Gerações.

ABSTRACT

New generations of students that currently they enter school units make up a new educational setting that challenges the context of a traditional approach to teaching. In an attempt to overcome the challenges put, educators should seek subsidies to rethink their educational practice in order to meet the training demands of contemporaneity. Appropriate knowledge about the circumstances that influence the behavior of students becomes an item almost compulsory in teacher training. Thus, this article seeks to contribute to the subject of reflection, elucidating some relevant issues with regard to the behavior of members of the new generations and their relationship with technology.

Keywords: Education. Student. Technology. Generations.

¹ Professor Mestre – Docente do Centro Universitário de Votuporanga UNIFEV – PIBID Subprojeto Pedagogia

² Professora Especialista – Docente do Centro Universitário de Votuporanga UNIFEV – PIBID Subprojeto Pedagogia

INTRODUÇÃO

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 377) a palavra geração, com origem no latim *generatione*, apresenta o seguinte significado: “sf. 2. Cada grau de filiação de pai a filho. 3. Conjunto de pessoas nascidas pela mesma época. 4. O espaço de tempo (aproximadamente 25 anos) que vai de uma geração (3) a outra”. De acordo com a sociologia este termo é utilizado, segundo Pilcher (1994), para definir um conjunto ou grupo de pessoas dentro de uma população que experimenta os mesmos eventos significantes em um determinado período de tempo.

A definição da palavra geração encontrada no Dicionário de Filosofia, de Nicola Abbagnano (2007, p. 484), nos remete à reflexão de Aristóteles:

GERAÇÃO (gr. YÉVEOIQ; lat. Generatio; in. Generation; fr. Génération; ai. Erzeugung; it. Generazione). Segundo Aristóteles, "a mudança que vai do não-ser ao ser do sujeito, segundo a contradição": a passagem da negação da coisa à coisa. A G. pode ser absoluta, e nesse caso é a passagem do não-ser ao ser da substância, ou qualificada, e nesse caso é a passagem do não-ser ao ser de uma qualidade da substância (Fís., V, I 225 a 12 ss.). O oposto de G. é corrupção (v.). G. e corrupção constituem a primeira das quatro espécies de mudança, mais precisamente a mudança substancial Ubid, 225 a 1) (v. DEVIR).

Com base nas interpretações nas três áreas do conhecimento humano citadas notamos que a convergência dos conceitos explicitados está no que é próprio dos indivíduos organizados em grupos, ou seja, o período de tempo, a experiência com significação, e a formação do sujeito. Cada geração no decorrer da história carrega consigo uma cultura própria, particularidades, modelos e a crença de que é única, original, mais avançada e mais competente que todas as anteriores. Sobre os fenômenos vivenciados na contemporaneidade ante as gerações, Fava (2014, p. 42) cita:

O crescimento, tanto populacional como tecnológico, produziu alterações culturais e sociais que permitiram a cada geração impor-se e desenvolver não somente as próprias ideias, mas também adotar e rotular um novo perfil por meio de comportamento, linguagem, moda, música, arte, a forma como utilizam e vivenciam a tecnologia.

Habitualmente, o tempo estimado para o cálculo da idade de formação entre uma nova geração e outra era de aproximadamente 25 anos. Contudo na atualidade, o avanço dos recursos tecnológicos, principalmente, e os efeitos que estes provocam sobre a vida social dos indivíduos, este intervalo de tempo foi encurtado, e se já fala em uma nova geração sendo formada a cada década (BORTOLAZZO, 2012). Esta perspectiva retrata um convívio maior entre indivíduos de diferentes gerações em diversos segmentos da sociedade.

Neste aspecto é natural que indivíduos de diferentes gerações se desenvolvam em épocas distintas e, desta forma, sejam influenciados por outras visões e outros comportamentos que eventualmente venham gerar conflitos entre os constituintes. Acreditamos que compreender as principais mudanças comportamentais de uma geração para a outra é essencial para minimizar a tensão entre as mesmas.

Ao pensarmos sobre a formação do homem e, por consequência, o desenvolvimento das distintas gerações humanas, apoiando-nos na filosofia contemporânea, podemos afirmar que não há como separar o homem das circunstâncias às quais vivencia, pois estas se apresentam como responsáveis formativas dentro de sua vida cotidiana. Homem e circunstâncias não devem ser vistos como entidades separadas. Para Heller (1970, p. 1), “essas ‘circunstâncias’ determinadas, nas quais os homens formulam finalidades, são as relações e situações sócio-humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas”. A teoria que baseia a formação histórica do homem, aqui expressa, conduz a reflexão de quanto os recursos materiais disponíveis a cada dado momento histórico influenciam sistematicamente a formação do sujeito.

Os processos formativos, os eventos significativos, e o vir a ser de cada geração, dentro da dualidade fim ou causa, que concebem historicamente, se evidencia no cenário que as gerações contemporâneas configuram na sociedade moderna. Cabe agora explorarmos cada uma das nuances vivenciadas pelo homem desde o século XX até os dias atuais, a fim de tecermos subsídios teóricos sobre aspectos culturais, sociais e políticos, assim como o comportamento frente aos recursos tecnológicos de cada época. Deste modo, o apontamento das características manifestas por sujeitos das gerações que agora adentram as instituições escolares serve para a reflexão e posterior compreensão dos fenômenos provocados no ambiente escolar e de toda a complexidade de relações existentes neste espaço.

Logo, considerando a diminuição do intervalo de tempo da mudança entre uma geração e uma nova geração, pela primeira vez, temos em maior número diferentes gerações coexistindo na sociedade, e conseqüentemente nas instituições escolares. Atualmente convivem entre si, a geração *baby boomers*, nascidos entre 1945 e 1960; a geração X, dos nascidos entre 1961 e 1982; a geração Y, dos nascidos entre 1983 e 2000; a geração Z, dos nascidos entre 2000 e 2009; e por último a geração Alfa, estes nascidos após 2010 (FAVA, 2014). Desta forma, com o propósito de contribuir para as discussões acerca da temática exposta, apresentamos a seguir as características manifestas pelas novas gerações de estudantes que configuram o desafio para os educadores na contemporaneidade.

Geração Z

Nascidos após os anos 2000 e antes de 2010, a geração Z recebe este nome por apresentar o comportamento de mudar incessantemente o canal da televisão ou a música no aparelho de som, ato que remete ao termo ‘zapear’ (VEEN e VRAKING, 2009). Também conhecidos como *iGeneration@*, *Net Generation*, *Generatiion AO (Always on)*, *Generation Text* (GABRIEL, 2013), os Z nascem durante o processo de desdobramento da Web 2.0³, desenvolvimento da banda larga, como também no período de criação e popularização de novos aparelhos e ferramentas digitais.

Se a geração Y foi dominada pela tecnologia, a geração Z é dominada pela velocidade da tecnologia, por este motivo tendem a ser extremamente impacientes e querem tudo instantaneamente. As crianças e jovens Z crescem vendo o desenvolvimento da Web 2.0, marco na história da tecnologia. Com a Web 2.0, o ambiente *online* torna-se mais dinâmico, ativo e colaborativo aos usuários, aperfeiçoando a troca de conteúdos.

Fava (2014, p. 59) descreve os integrantes da geração Z como:

Garotos com muita atitude e limitado conteúdo, que apreciam ser assentidos, bajulados, reconhecidos pelo grupo. Jovens sem discernimento de que não basta começar um movimento, é preciso saber terminar. Desconsideram o

³ Termo criado por Tim O’Reilly no ano 2004 para definir o aperfeiçoamento da tecnologia de transmissão de dados em rede. Com este desenvolvimento a Internet se tornou mais dinâmica, ativa e participativa a seus usuários (O’REILLY, 2005).

perigo de que, nas redes sociais, basta pouco para pequenos grupos se tornarem grandes e saírem do controle.

As habilidades, a intimidade e familiaridade com os recursos tecnológicos é muito natural para os jovens Z. Supostamente não concebem um mundo sem dispositivos eletrônicos ou Internet. Preferem o *touch screen* aos teclados, e o deslumbre característico dos Y sobre *chips* e *joysticks* não permanecem nesta geração. Adeptos das redes sociais, os Z são pragmáticos, donos de uma personalidade flexível, com laços fracos e vulneráveis, prontos para se conectar em cada ocasião participando de diferentes interesses (FAVA, 2014).

Cientes que para criar um perfil no Facebook, por exemplo, é necessário no mínimo ter 13 anos, mentem suas idades para se tornarem usuários desta rede social. A partir disso compartilham fotos; vídeos; a localidade em que se encontram e com quem estão; o que estão sentindo; que filme ou programa estão assistindo na televisão; qual música estão ouvindo; o tipo de refeição que estão comendo; dentre uma série de outros elementos que compõem seu dia-a-dia, confirmando o sentimento constante de autoafirmação.

As habilidades tanto na gravação de vídeos como ao tirar fotografias e editá-los, é uma das características dos Z que, com muita irreverência formatam os tradicionais Memes⁴ para compartilhar com seus amigos do Facebook, Instagram e/ou *WhatsApp*, que por sua vez configuram as redes sociais na quais esses indivíduos empregam uma linguagem repleta de particularidade: onomatopeias, *emoticons* e linguagem ‘memética’. As *hashtags*⁵ e os autorretratos, popularmente conhecidos como ‘selfies’, são emblemas dos Nativos Digitais. Além de trivialidades, assim como os Y, são sedentos por informação, condicionando sua memória não à informação em si, mas ao local em que procuram e encontram essas informações. E de uma forma ou de outra produzem e compartilham muitas informações, contribuindo para a crescente expansão da inteligência coletiva.

⁴ Conteúdos compartilhados por mídia, geralmente fotos, vídeos, textos e sons, que apresentam tom cômico. Trata-se de uma linguagem como “vírus” que buscam transmitir ideias de forma rápida e facilitada. Fonte: Urban Dictionary (2014). Disponível em: <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Internet+Memes>

⁵ Palavra antecedida do sinal cerquilha (#), usada geralmente para identificar assuntos nas redes sociais. Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/Hashtag%20>

Eric Schmidt, diretor executivo da Google, (*apud* GABRIEL, 2013, p. 25) afirma que “a cada dois dias atualmente, criamos tanta informação no mundo quanto a que foi criada do início da humanidade até 2003”.

Evidentemente todas as gerações aqui descritas se beneficiam tanto das ferramentas tecnológicas quanto do volume de informações contidas na dimensão virtual, ou seja, do ciberespaço, entretanto, provavelmente, é possível afirmar que apenas os Nativos Digitais desfrutam de forma legítima dos recursos constituintes da nova tecnologia, pois estas lhe são naturais e sua utilização no cotidiano se dá de forma intuitiva, diferente dos Imigrantes Digitais para quem a apropriação das novas tecnologias é manifestada por meio do ‘sotaque’ (PRENSKY, 2001). Para termos uma dimensão do que as novas tecnologias oferecem à humanidade, em especial aos jovens Y e Z, apresentamos a figura abaixo:

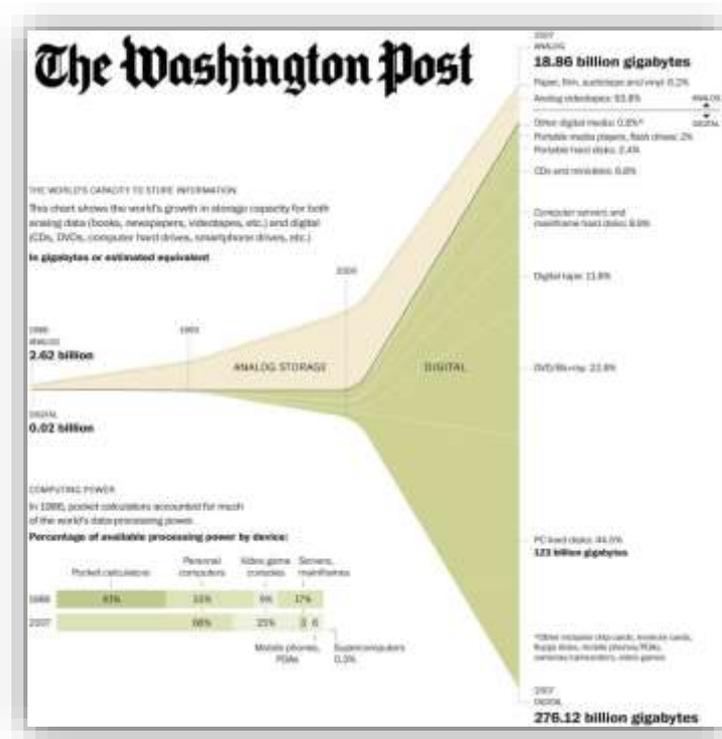


Figura 1 – The world's capacity to store information

Fonte: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/graphic/2011/02/11/GR2011021100614.html>

A figura 1 apresenta a explosão informacional entre 1986 e 2007, com índices da capacidade de armazenamento de informações em todo o mundo. Nela podemos ver a transição entre o armazenamento analógico, ou seja, livros, revistas, jornais, entre outros, para o armazenamento digital em mídias como CDs, DVDs, memória de

computadores, servidores e afins. Também podemos visualizar o quanto o nível de produção de informações cresceu de forma exorbitante em curto período de tempo.

Nicolas Negroponte (1995), em seu livro 'A vida digital' fala sobre a existência de dois tipos de ambientes, um formado por átomos, o ambiente material, e outro formado por bytes, o ambiente digital. Ambos coexistem na vida do homem, mesmo tendo características específicas e naturezas complementemente distintas. A hiperconexão e a proliferação das redes digitais permitiram ao homem transmitir parte de si para o mundo digital, o que possibilitou um constante trânsito entre o 'on' e o 'off' *line* (GABRIEL, 2013).

Os dados apresentados na figura 1 demonstram que há pouco mais que uma década a humanidade era predominantemente *offline*, ou seja, grande parte dos recursos informacionais contidos no mundo estavam condicionados a recursos analógicos até os anos 2000. O fato de a ampliação dos meios de digitalização dos conteúdos, e conseqüentemente de parte da vida dos indivíduos, proporcionou o estado de 'ser conectado', reconfigurando o homem atual em um 'cibrido'. Peters Anders (2001, p. 1) define o termo cibrido como:

Híbridos de material e ciberespaço – são entidades que não poderiam existir sem reconciliar a nova classe de símbolos com a materialidade que eles carregam. [...] Cíbridos são mais que simplesmente uma separação completa (entre material e simbólico). Entre esses dois podemos ter componentes compartilhados.

Com a digitalização da informação o homem começa a se tornar online de forma gradual e simultaneamente ao estado *offline* vivido até o início do século XXI. O cibridismo torna-se realidade a partir do momento em que as plataformas *online*, a hiperconexão e as tecnologias móveis se popularizam no contexto social (GABRIEL, 2013).

Próprio dos Nativos Digitais, mas não exclusivo, o caráter simbiótico entre *online* e *offline* reforça o desenvolvimento da extensão da memória além do corpo. Romperam-se as barreiras, o corpo e a mente do homem na Era da Informação sofreu uma expansão para outros dispositivos (GABRIEL, 2013; LÉVY, 2011). Nesta visão, o volume de informações *online* é apenas o início de algo sem precedentes na história da humanidade. Os nascidos na Era da Informação já usufruem de um volume gigantesco de conteúdos informacionais disponibilizados em rede, com tendência de

crescimento garantido e, com acesso cada vez mais facilitado. Distinto dos recursos tradicionais de acesso a informação, que fizeram parte da formação dos Imigrantes Digitais, a virtualização do conhecimento promove a formatação de um novo paradigma social e educacional, que não pode mais ser ignorado e, que definitivamente reflete desafios à sociedade contemporânea.

Geração alfa

Nascidos após o ano 2010, a geração alfa, ainda pouco estudada, é a terceira geração de Nativos Digitais. Apesar da tenra idade, seu futuro está começando a tomar forma. Seguindo uma ordem econômica neoliberal e advindos das gerações X e Y, que não apresentam pretensão de ter muitos filhos, os alfa estão condicionados a algumas circunstâncias que os obrigam a arcar com as expectativas de seus pais, que esperaram, em média, três décadas para começar a constituir uma família (McCRINDLE, 2013).

Pesquisas sobre a geração alfa ainda se encontram em fase inicial de investigação, entretanto, os demógrafos sociais, Mark McCrindle (2013), autor da obra 'ABC of XYZ', ainda sem tradução para o português, e Bernard Salgado (2013), estudioso das gerações, em entrevista à rede de notícias australiana 'News', traçam algumas estimativas sobre o futuro dos alfa. MacCrindle (2013) prevê que os bebês da geração alfa terão mais recursos materiais que seus ancestrais no futuro. "Seus pais estão começando famílias mais tarde, com a idade média de uma mãe em 30 anos, então eles tiveram uma década extra para acumular riqueza", afirma McCrindle (2013, p.1).

Mas esse panorama remete à desafios. Bernard Salgado (2013) diz que os integrantes da geração alfa estariam vulneráveis à síndrome do imperador. "Eles não vão crescer no mesmo arranjo afetivo familiar que as gerações anteriores viveram", disse Salgado (2013, p. 2), completando, "serão uma 'estrela' de três anos de idade e crescerão com um senso de auto importância elevado".

Seguindo uma tendência consumista, já notada nas duas gerações anteriores, a busca pela posse de mais riquezas significa custos mais elevados; nesse contexto, é provável que a geração alfa venha a trabalhar mais horas que seus pais, e conseqüentemente, passe menos tempo com suas famílias. O seu dinheiro não vai

comprar-lhes a independência. Os altos preços dos imóveis vão obrigá-los a viver na casa de seus pais no mínimo até seus 30 anos de idade.

Seus casamentos não serão 'até que a morte os separe', em vez disso, farão contratos ou arranjos pelos quais o casal concorda que é um compromisso de 10 anos com uma cláusula de revisão e uma fórmula acordada para dividir seus bens e filhos (SALGADO, 2013).

"Serão uma sociedade narcisista e incrivelmente egoísta, querendo fluidez e liberdade para fazer o que quiserem e com um tipo de casamento contratual será a expressão máxima dessa geração", afirma Salgado (2013, p. 4). Os integrantes da geração alfa também possuem propensão para formatar uma geração mais solitária, mais predispostos a viver sem constituir família.

McCrinkle (2013, p. 3) cita que a geração alfa usará a tecnologia de forma ainda mais intuitiva, e "esse não foi o caso com a geração anterior que teve que fazer *logon* com nomes de usuários, esta geração pode apenas acessar - é *touch screen*, é tecnologia inteligente intuitivo que atravessa as barreiras linguísticas". Afirma-se até que os alfa, em determinado momento de suas vidas, terão dispositivos incorporados a si, "eles poderão tocar em sua orelha direita para ligar o seu telefone celular e sua orelha esquerda para desligá-lo", afirma Salgado (2013, p. 3).

Professor de Demografia e Diretor do 'Australian Demographic and Social Research Institute', Peter McDonald (2013), diz que a geração alfa será a geração mais inteligente por causa do maior acesso à educação formal e, principalmente, ao maior acesso à informação. Esta afirmativa condiz com os estudos sobre inteligência promovidos pelo emérito professor e pesquisador da Universidade de Otago, Nova Zelândia, James Robert Flynn (2009). Seus trabalhos de investigação têm mostrado que, em média, o desempenho dos testes que medem o quociente de inteligência (QI) apresentam incremento de até vinte pontos a cada nova geração (FLYNN, 2009).

Flynn (2009) considera que para a avaliação de tendências cognitivas é necessário separar a inteligência em elementos distintos como: interpretação de textos, resolução de problemas matemáticos, discernimento crítico, assimilação da visão de mundo, e encontrar soluções rápidas. Flynn (2009, p. 145) afirma que "é inegável que as habilidades cognitivas vêm aumentando porque os testes provam isso. Porém, é preciso ver quais dessas habilidades estão aprimorando e se isso é realmente importante no dia-a-dia". Nesta perspectiva, o autor acredita que o aumento

em QI não representam necessariamente ganhos em inteligência e sim ganhos em competências cognitivas.

Assim, os Nativos Digitais, potencialmente, são mais capazes de resolver problemas de maneira imediata, sem um método ou estratégia assimilado para tal tarefa, entretanto é notório que ganhos em habilidades de raciocínio matemático e vocabulário vem diminuindo ao longo das gerações. No que se refere às capacidades de leitura de imagens com representações espaciais em dimensão tridimensional; criação de mapas mentais; resposta rápida à estímulos inesperados e competência multitarefa, os Nativos Digitais são superiores comparados aos seus antecessores (FAVA, 2014). O aprimoramento destas capacidades cognitivas são, para Flynn, fruto do convívio com as novas tecnologias, em especial com os jogos eletrônicos e aplicativos de computadores e outros dispositivos eletrônicos.

Com base nos elementos expostos, a Lei Federal nº 12.796, de 4 de abril de 2013, que “Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1.996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providencias”, diz que toda criança de quatro anos de idade deve estar matriculada na Educação Infantil até 2016, isso significa que a geração alfa vai à escola mais cedo. Flynn (2009) diz que é certo que as escolas estão recebendo educandos menos preparados em raciocínio matemático e linguagem, no entanto, estes indivíduos serão capazes de focar várias atividades ao mesmo tempo; capacidade de realizar observações dinâmicas; formular hipóteses; definir estratégias; responder rapidamente a estímulos; e ler e interpretar imagens tridimensionais. Neste contexto, portanto, cabe a indagação: a escola está preparada para este ‘novo aluno’?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANDERS, Peter. **Toward and architecture of mind**. In: CAiA-STAR Symposium: 'Extreme parameters. New dimensions of interactivity' (11-12 July 2001). Disponível em:
<http://www.uoc.edu/artnodes/espai/eng/art/anders0302/anders0302.html>

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Nascidos na era digital**: outros sujeitos, outra geração. XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas, 2012.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm

FAVA, Rui. **Educação 3.0**: Aplicando o Pdca nas Instituições de Ensino – 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. – 8ª ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

FLYNN, James Robert. **O que é inteligência?** São Paulo: Bookman, 2009.

GABRIEL, Martha. **Educ@r**: a (r)evolução digital na educação. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. – 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. – 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

McCRINDLE, Mark; SALGADO, Bernard; McDONALD, Peter. In: HANSEN, Jane. **Future is bright for Generation Alpha**. June 03, 2013. Disponível em: <http://www.news.com.au/national/victoria/future-is-bright-for-generation-alpha/story-fnii5sms-1226655050947>

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0**: Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. Publicado em O'Reilly (<http://www.oreilly.com/>)

Copyright 2006 O'Reilly Media, Inc. Tradução: Miriam Medeiros. Revisão técnica: Julio Preuss. Novembro 2006. Disponível em: <http://www.flaudio.com.br/files/o-que-e-web-20.pdf>

PILCHER, Jane. **Mannheim's Sociology of Generations na undervalued legacy**. British Journal of Sociology, v.3, n.45, p.481-495, set. 1994.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001.

VEEN, Wim; WRAKKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.